

# O caudilhismo venezuelano e suas implicações para a Revolução Bolivariana

Alex de Novais Dancini\*  
e José Joaquim Pereira Melo\*\*

## **Resumo:**

O texto traz uma reflexão sobre o caudilhismo na história republicana da Venezuela. De início, faz-se uma análise dos principais caudilhos que atuaram na guerra de independência, destacando a liderança de José Tomás Boves, na rebelião popular de 1814. Em seguida, retoma-se o papel dos caudilhos nas insurreições populares do pós-independência até a Guerra Federal (1859-1863), principalmente a ação de Ezequiel Zamora na condução das insurreições camponesas desse período. Por fim, apresenta-se uma análise do papel de Hugo Chávez Frías como caudilho da Revolução Bolivariana e suas implicações para a continuidade de todo o processo após sua morte.

**Palavras-chave:** Venezuela; Caudilho; Revolução Bolivariana.

## Venezuelan Caudillismo and its Implications for the Bolivarian Revolution

## **Abstract:**

This article reflects on caudillismo in the republican history of Venezuela. First, it analyzes the principal caudillos who fought in the war of independence, highlighting the leadership of José Tomás Boves in the popular rebellion of 1814. Then, it examines the role of caudillos in the popular insurrections of the post-independence period through the Federal War (1859-1863), principally the role of Ezequiel Zamora in the leadership of the peasant insurrections of that period. Finally, it presents an analysis of the role of Hugo Chávez Frías as the caudillo of the Bolivarian Revolution and its implications for the continuity of that process after his death.

**Keywords:** Venezuela; caudillo; Bolivarian Revolution.

---

\* Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR, Brasil. End. eletrônico: alexdancini@hotmail.com

\*\* Pós-Doutor em História da Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR, Brasil. End. eletrônico: mgmlima@uem.br

## Introdução

O processo emancipatório na América espanhola, no início do século XIX, possibilitou o início da experiência política soberana das nações que se formaram a partir desta experiência. À Venezuela, coube a vanguarda de todo esse processo. Ao país de Bolívar, coube também amargar uma guerra ininterrupta de 10 anos, que devastou o país (Brito Figueroa, 2002).

Não por acaso, a guerra que deveria ser internacional, entre venezuelanos e espanhóis, foi predominantemente uma guerra civil, mobilizando tanto os estratos sociais dominantes, quanto os estratos socialmente marginalizados, constituídos sobretudo por escravos, negros livres e *llaneros*<sup>1</sup>. A conquista da independência não trouxe mudanças para a vida da maior parte dos trabalhadores do campo e das cidades, os quais continuaram a se submeter aos ditames dos grandes proprietários de terras, que passaram a dominar o cenário político. A continuidade das contradições sociais da ordem colonial, aliada aos conflitos políticos entre liberais e conservadores, e à falta de consciência política da maior parte das camadas pobres da população, fez com que a figura do caudilho predominasse na luta política durante todo o século XIX e boa parte do século XX.

O objetivo deste texto é realizar uma reflexão sobre a constante presença do caudilho na história republicana da Venezuela, utilizando esta categoria para, de algum modo, problematizar a emergência do chavismo e da Revolução Bolivariana, além dos desdobramentos possíveis no interior das especificidades históricas da Venezuela.

Neste momento em que as experiências políticas progressistas, que marcaram o cenário político e econômico da América Latina nos últimos 15 anos, encontram-se em crise, parece importante definir alguns pontos específicos da história de cada país. Na Venezuela, a instabilidade política que serviu de cenário para o surgimento de Hugo Chávez como uma das maiores lideranças populares da sua história, volta a trazer a incerteza sobre o futuro da Revolução Bolivariana, após a morte de seu precursor. O que é possível pensar sobre o tempo presente venezuelano a partir das experiências caudilhescas do passado? Seria o chavismo mais uma experiência em que as massas se dispersam em face do desaparecimento do seu líder, como ocorria com os caudilhos nos séculos XIX e XX?

## O caudilhismo na guerra de independência da Venezuela

Nesses pouco mais de 200 anos de república, a Venezuela contabiliza menos

---

<sup>1</sup> Morador da região chamada de *Llano*. Uma possível comparação com o território brasileiro, permite afirmar que os *llanos* venezuelanos são similares aos pampas brasileiros, uruguaios e argentinos.

de 50 anos sem a presença de um caudilho na vida política do país. Desde os primeiros anos da guerra de independência, um grande número de trabalhadores do campo compôs exércitos que lutaram por ideias muitas vezes difusas para a gente simples, mas que, no imaginário social dessa massa explorada, havia sempre a possibilidade de se conquistar melhorias nas condições sociais de sua existência.

O conceito de caudilho foi construído sob certo consenso pela historiografia latino-americana do século XX. Suas principais características eram o poder centralizado em uma liderança oriunda do campo, a existência de um momento político confuso e anárquico sem instituições capazes de garantir a ordem social necessária, e a violência como fator político essencial. Porém, há estudos que revelam a existência de elementos transformadores dessa concepção, uma vez que o caudilhismo, a partir do estudo de novas fontes, muitas vezes foi composto pela mescla entre campo e cidade, pela organização política de nível municipal e regional e pela ação política desprovida da violência (Costa Teles, 2015). Na Venezuela, o caudilhismo foi uma constante em sua história republicana. Uma frágil e segregada democracia, aliada às difíceis condições econômicas da maior parte da população foram ingredientes que tornaram a história do país marcada por guerras civis no século XIX, constituindo-se em espaço fértil para a existência dos caudilhos. A primeira experiência foi na Guerra de independência.

A vanguarda independentista da América espanhola não foi a capital de um vice-reinado, mas a capital de uma simples Capitania Geral que existira tão somente depois de 1777. Caracas era a capital desta capitania que reunia sete províncias e tinha, na primeira década do século XIX, em torno de 900.000 habitantes (Humboldt, 1956: 238). A estratificação social da Capitania Geral da Venezuela para o ano de 1800, segundo Federico Brito Figueroa (1979: 160) resumia-se em: “brancos espanhóis 12.000 (1,3%); brancos americanos, também chamados de *criollos*, 127.727 (19,0%); pardos<sup>2</sup> 407.00 (45%); negros livres e *manumisos* 33.362 (4,0%); Negros escravos 87.800 (9,7%); negros *cimarrones*<sup>3</sup> 24.000 (2,6%); índios tributários<sup>4</sup> 75.564 (8,4%); índios não tributários 25.590 (3,3%); população indígena isolada 60.000 (6,7%). Esses números são importantes para se entender o fato de que não era muito difícil haver uma rebelião popular generalizada, quando se analisa a estratificação social venezuelana para o momento da proclamação da república e da independência.

---

<sup>2</sup> A categoria é utilizada pelo autor para se referir a todos os indivíduos de cor, descendentes de negros e índios, frutos da mestiçagem entre brancos, negros e índios. Compõem, portanto, esta categoria os mulatos (branco/negro), mestiços (branco/índio) e zambo (negro/índio).

<sup>3</sup> *Cimarrones* eram os negros que fugiam e se juntavam às comunidades formadas por negros que abandonavam as fazendas a que pertenciam. Na Venezuela, essas comunidades eram chamadas de *Cumbes*.

<sup>4</sup> Índios controlados pelas missões e obrigados a pagar tributos à Coroa.

A invasão da Espanha por Luis Bonaparte e a deposição de Fernando VII do trono, em 1808, aceleraram o processo de ruptura entre a Metrópole e suas colônias na América. Na Venezuela, os estratos sociais dominantes – *criollos* – agiram rapidamente para garantir certa autonomia política diante da vacância no trono. A investida de Luis Bonaparte para levar seu irmão ao trono também contribuiu para que, tanto na península como nas colônias, surgisse o sentimento de defesa contra a forte possibilidade da dominação francesa sobre o território hispânico. Todo o movimento político venezuelano em defesa dos direitos de Fernando VII, e posteriormente, para a ruptura radical com a Espanha foi controlado pelos grandes proprietários de terras e escravos.

A proclamação de independência, ocorrida em 5 de julho de 1811, foi a síntese de um movimento político que, desde 1808, havia mobilizado, principalmente nos centros urbanos, todos os interesses sociais daquela complexa sociedade com traços estamentais e de castas. Por um lado, os *criollos* almejavam a autonomia política e a instauração do livre comércio com países europeus, ao mesmo tempo em que não cogitavam perder seus privilégios jurídicos e políticos garantidos, no período colonial, pela proibição da mobilidade social dos pardos e negros livres e pelo sistema escravista. Por outro, todo o estrato de pardos, negros livres e escravos, que continha mais de 60% da população, via em todo aquele processo a possibilidade de garantir a liberdade e a igualdade que há tempos almejavam. Porém, a Constituição de 1811 não aboliu a escravatura e reduziu o conceito de liberdade política à posse de propriedades. Essas medidas excluíram cerca de 90% dos pardos das instâncias políticas que eles esperavam participar. Para agravar as contradições desse processo, os setores mais pobres observavam os brancos ricos ocuparem os cargos políticos e jurídicos antes ocupados por espanhóis que, em algumas ocasiões, decidiam em seu favor.

Em uma sociedade na qual a luta de classes era agravada pela questão étnica e o escravismo, a proclamação da república *criolla* colocava em risco a manutenção da própria ordem social que lhe favorecia. Em pouco mais de um ano de existência, a Primeira República da Venezuela foi palco de diversas rebeliões escravistas, cuja força foi decisiva para que Francisco de Miranda (1750-1816) assinasse o acordo de capitulação com os espanhóis a fim de restabelecer a ordem política e social (Pietri, 2010). Entre devolver o poder aos espanhóis e ir às últimas consequências republicanas que, naquele momento significaria a abolição do sistema escravista, os *mantuanos*<sup>5</sup> decidiram por submeterem-se à monarquia. Embora

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir aos brancos ricos da Venezuela. Segundo os costumes, apenas as mulheres brancas e ricas podiam usar o manto negro de seda para ir à igreja. Às mulheres de cor, era-lhes negada essa possibilidade, mesmo se tivessem poder econômico para usar a peça. *Mantuanos* tornou-se o vocábulo para designar os que tinham o direito de usar o manto, ou seja, os *criollos*.

os primeiros anos da independência já mostrassem os aspectos de uma guerra civil, sobrepondo, assim, o que seria uma guerra internacional entre Espanha e Venezuela, apenas em 1814 é que a guerra civil apresentou todo seu conteúdo. O responsável por isso foi José Tomás Rodríguez Boves (1783-1814), o primeiro caudilho venezuelano.

Boves era um espanhol acostumado ao comércio contrabandista na Venezuela. Não se tem informação exata de quando chegou à Capitania Geral, mas há consenso de que ainda era jovem (Vallenilla Lanz, 2000), o que torna possível afirmar que teve o tempo necessário para se tornar um *llanero*<sup>6</sup>, não por nascimento, mas pelo considerável tempo em que viveu na região. Tomando-se em conta o período em que se forma como almirante e parte da Espanha para sua primeira viagem, viveu em torno de 15 anos na região dos *llanos* venezuelanos.

Nos primeiros anos da guerra de independência, os estratos sociais populares não se definiram no apoio à causa patriótica ou realista. De modo geral, a exclusão social a que era mantido esse amplo setor, principalmente os escravos, não lhes permitia estabelecer uma relação política entre os conceitos de pátria, independência e soberania como parte de sua luta imediata. Não lhe interessava as categorias liberais e republicanas, mas sim, o rompimento com sua atual condição de vida. A luta se estabelecia, portanto, entre os realistas que defendiam a continuidade do controle espanhol, os *criollos* ávidos pelo controle político e econômico, mas sem alterações na estrutura social, e os setores populares, notadamente compostos por mestiços e mulatos pobres, livres ou não, que lutavam por melhorias em suas condições de vida, independentemente do modelo político existente.

Por isso, nesse primeiro momento, os setores dominantes tiveram dificuldades para conquistar o apoio popular. Por outro lado, os espanhóis souberam aproveitar essa força popular, prometendo a liberdade aos escravos, logo após a proclamação da república (Brito Figueroa, 2002). A falsa promessa de liberdade foi a manobra encontrada pelos realistas para se utilizar do contingente escravista e derrotar os republicanos. Esse contexto de insatisfação popular com a república *mantuana* teve seu ápice no ano de 1814, quando a rebelião popular liderada por José Tomás Boves colocou fim à Segunda República: “la República vuelve a sucumbir en 1814, no por el sistema federal de gobierno como insistentemente sostenía el Libertador, sino porque no resuelve de modo positivo el problema de la esclavitud y la igualdad social de las castas de color (Brito Figueroa, 2002: 1300). A independência continha um limite político e social que

---

<sup>6</sup> Da região venezuelana marcada pela criação de gado. Os *llaneros* eram os peões acostumados a uma vida campestre e com grande destreza no trato da pecuária.

impedia a contemplação das reivindicações de grande parte do setor de pardos livres e da totalidade dos escravos, uma vez que falava em liberdade e igualdade, mas não abolia a escravidão.

Formou-se o ambiente propício para o aparecimento de uma liderança que pudesse, ao mesmo tempo, comandar esse grande contingente e garantir-lhe a realização dos seus objetivos no interior daquela luta social. Os espanhóis não estavam dispostos a concretizar a abolição do trabalho escravo, tampouco os brancos ricos e proprietários de terras e escravos. É nesta situação que Boves surge como caudilho de negros livres e escravos, mulatos, mestiços, zambos e índios. A revolta desorganizada desse setor foi canalizada pelo caudilho e se tornou a principal frente de combate aos republicanos, garantindo a volta do poder monárquico na Venezuela, em 1814. Pela primeira vez na história republicana da Venezuela, uma grande massa popular mobilizava-se contra a opressão de classe. No entanto, essa mobilização tornava-se ordenada de acordo com a ação de apenas um indivíduo, o caudilho Boves. Segundo Uslar Pietri (2010: 114), a liderança do caudilho foi facilitada, porque: “su odio por esta raza (a dos brancos) era tan grande, que llegó no solamente a considerar enemigos a los blancos patriotas, sino también a todos los criollos blancos, y así se hizo ídolo de la gente de color, a la cual adulaba con la esperanza de ver destruida la casta dominante”. O exército comandado por Boves foi o principal responsável pela derrota dos patriotas liderados por Simón Bolívar.

Para a reflexão que se pretende desenvolver neste texto, o mais importante a destacar é que, após a morte do caudilho, em dezembro de 1814, os soldados por ele comandados não se apresentaram a outros oficiais militares espanhóis para seguirem na guerra, defendendo os interesses realistas. Pelo contrário, o que ocorreu foi o afastamento desses soldados das fileiras espanholas. No início de 1815, chegaram à Venezuela cerca de 12 mil soldados da península sob o comando de Pablo Morillo (1775-1837). O novo comandante em chefe do exército espanhol não permitia que os pobres negros livres e escravos, mulatos, mestiços, zambos e índios venezuelanos ocupassem cargos militares de destaque, tampouco dispensava-lhes a mesma consideração mostrada aos soldados espanhóis.

Esse estrato social popular mostrou-se incapaz de organizar-se sem a força personalista de um caudilho e regressou ao *llanos* para retomar sua vida de trabalho ou para ingressar em algum outro foco de guerrilha na guerra de independência, já que a atuação militar rendia dinheiro ou objetos como forma de pagamento.

Ressalta-se, ainda, que ao comando de Boves, esse setor aumentava as forças espanholas na guerra. Este fato é relevante, porque após pouco mais de um ano, esse mesmo contingente tomou as armas pelo exército patriota, fazendo parte das tropas chefiadas por outro caudilho: José Antonio Páez (1790-1873).

Novamente, esse setor popular conseguiu se organizar e buscar seus objetivos políticos e econômicos não pela sua própria capacidade, mas pela ação de um indivíduo que os liderava de forma caudilhesca. A guerra de independência da Venezuela durou em torno de dez anos. Na primeira metade, entre 1811 e 1816, os espanhóis prevaleceram sobre os *criollos* patriotas, de modo que o principal fator que os tornava invencíveis naquele momento era a maior adesão popular às fileiras realistas. No entanto, após a morte de Boves e a chegada do exército regular espanhol, um novo caudilho, dessa vez patriota, reuniu as forças populares em torno do exército patriota, tornando-as indispensáveis para a vitória final sobre os espanhóis, em 24 de junho de 1821, na Batalha de Carabobo.

### **O caudilhismo pós- independência**

Depois que a Venezuela conquistou sua emancipação política, sua história caudilhesca veio comprovar que a democracia *criolla* era mesmo restrita aos interesses da classe dominante em suas frações políticas divididas entre conservadores e liberais. Em 1830, após a morte de Simón Bolívar, o movimento anti-bolivariano liderado por Páez rompe com a união grã-colombiana, que reunia na mesma república os países do Equador, Colômbia e a própria Venezuela. Desde a instalação da sua então terceira república até o final do século, ao menos quatro caudilhos despontaram como lideranças políticas que se alternaram no poder. José Antonio Páez, José Tadeo Monagas (1784-1868), Jose María Vargas (1786-1754), Antonio Guzmán Blanco (1829-1899) e Ezequiel Zamora (1817-1860).

Desses nomes, o que se destaca para esta análise é o de Ezequiel Zamora. Oriundo de uma família de pequenos proprietários, o caudilho liderou uma insurreição camponesa em 1846 (Brito Figueroa, 1976). Sua aproximação ao pensamento liberal alinhava-o aos anseios sociais dos setores populares. O movimento por ele liderado lutava pela distribuição de terras aos camponeses, eleições populares e abolição do trabalho escravo. Para a época, tais reivindicações contrariavam o projeto de dominação da oligarquia venezuelana, uma vez que buscava aprofundar as mudanças iniciadas com a guerra de independência.

Ao término da guerra, a oligarquia proprietária de terras e escravos continuou dominando a cena política da nascente república e se recusou até mesmo a distribuir pequenas propriedades de terras aos soldados que haviam participado do exército patriótico. Esta atitude representou a continuidade e o aprofundamento do problema social que envolvia os setores pardo livre e os negros livres e escravos. Por isso, a insurreição camponesa de 1846 pode ser considerada como continuidade dos conflitos entre os *criollos* e os estratos populares. Um conflito que a guerra de independência não foi capaz de resolver ou mesmo minimizar, mas que, pelo contrário, ajudou a aprofundar. A insurreição de 1846 foi derrotada

nos primeiros meses do ano seguinte e Zamora acabou preso.

Sua volta ao cenário social de conflitos ocorreu no ano de 1859, quando outra guerra civil, semelhante à de independência, tomou conta da Venezuela entre 1858-1863 e ficou conhecida como Guerra Federal. Na guerra de independência, os estratos sociais pobres participaram com o objetivo de conquistar liberdades e melhorias em relação à situação social em que viviam. Na Guerra Federal, além de se repetir esse caráter libertário, a luta da população camponesa pobre, composta essencialmente por ex-escravos<sup>7</sup>, mulatos, mestiços e zambos, adquiriu o aspecto de profunda oposição à oligarquia venezuelana (Campos Ferreira, 2006).

Ezequiel Zamora chegou a comandar um exército de 22.500 soldados disciplinados (Brito Figueroa, 1976). No entanto, o que chama a atenção é o que ocorre depois de sua morte, em 10 de janeiro de 1860. A Guerra Federal seguiu por mais três anos, fazendo com que a grande massa de camponeses liderada por Zamora buscasse outros caudilhos, como é o caso de Juan Crisóstomo Falcón (1820-1870), para vencer os oligarcas. Novamente, a organização popular camponesa ficava à mercê do personalismo de algum indivíduo. Essa relação fazia com que a destruição do caudilho significasse também, e praticamente ao mesmo tempo, o fim de determinada organização popular que se rebelava em algum momento. A dependência do caudilho significava a inexistência de uma organização interna ao próprio campesinato. Assim, um levante popular campesino ocorria, via de regra, de dois modos: a) a despeito da liderança de um latifundiário interessado em conquistar ou retomar o poder em alguma região, o que denotava pouca relação com as necessidades dos trabalhadores do campo; b) Na totalidade de uma luta mais ampla, que oferecia a possibilidade de se insurgir contra os setores dominantes, mas que dependia da força aglutinadora de um indivíduo para conduzi-lo de forma organizada e com maior expressividade.

### **O caudilhismo chavista**

A Revolução Bolivariana também se insere neste contexto de intensos conflitos sociais do período republicano. A ascensão de Hugo Chávez ao cenário político do país ocorreu durante o período que sucedeu um dos mais trágicos episódios da vida social venezuelana do século XX. O *Caracazo* foi a resposta popular às medidas neoliberais anunciadas pelo então presidente Carlos Andrés Pérez. Iniciado em 27 de fevereiro de 1989, o *Caracazo* foi marcado por dois dias de intensos saques aos estabelecimentos comerciais dos centros urbanos

---

<sup>7</sup> Na Venezuela, a abolição do trabalho escravo ocorreu em 1854.

de todo o país e com a posterior repressão militar que matou cerca de 4 mil pessoas. De acordo com Steve Ellner (2014: 121): “la turbulencia social de estos años desembocó en el golpe militar frustrado de febrero de 1992 liderado por Chávez, y una segunda intentona, organizada diez meses después”.

Nesse período social e politicamente conturbado, Hugo Chávez surgiu como liderança que reunia as esperanças de boa parte da população para solucionar os problemas econômicos e sociais pelos quais passava a Venezuela de então.

Após a tentativa frustrada de golpe, Chávez se tornou uma referência política no país, mesmo sem ter uma carreira política de inserção em partidos, movimentos sociais ou centrais sindicais. Como criador e figura central do Movimento Bolivariano Revolucionário – 200 (MBR-200)<sup>8</sup>, Chávez atuava politicamente dentro dos quartéis com pouca inserção política na vida civil do país. Entretanto, depois de que ele assumiu toda a responsabilidade pela organização do golpe em 1992, tornou-se o centro das esperanças políticas para as classes média e operária, as mais afetadas pelo governo neoliberal de Andrés Pérez.

Eleito em 1998, começou a organizar a Aliança Patriótica (Mancilla, 2015), que contava com a participação de partidos da esquerda venezuelana, bem como das principais organizações sindicais e movimentos sociais progressistas. O percurso que vai de 1992 até sua eleição é marcado pela adesão quase unânime da esquerda venezuelana ao projeto político de Chávez. Porém, a figura política que ele representava naquele momento era resultado mais de uma inserção personalista na vida política do país do que pelo trabalho sistemático a médio ou longo prazo em organizações sociais ou partidárias populares.

A Aliança Patriótica foi uma estratégia dele e reuniu em um só conjunto diversas forças partidárias, sindicais e sociais. Após sua eleição e organização da Aliança, Chávez foi concretizando sua estratégia e levando a reboque as organizações políticas que o seguiam. Ou seja, a Revolução Bolivariana era mais uma realização do seu projeto político alicerçado nas ações e pensamentos de Simón Bolívar, Ezequiel Zamora e Simón Rodríguez do que a construção coletiva de todas as forças políticas envolvidas no processo. Constituiu-se um movimento que se iniciava de cima para baixo, ou, das instâncias da superestrutura para a infraestrutura.

Considerar, por exemplo, o chavismo como uma identidade econômica (Mancilla, 2015), implica em considerá-lo diferente dos modelos clássicos do liberalismo e do neo-liberalismo. Entretanto, tampouco é possível admiti-lo como socialista. O chavismo, em si, foi se inventando ao longo dos 13 anos em

---

<sup>8</sup> Criado por Chávez em 1982.

que Chávez esteve à frente do governo. Depois de 2007, o período mais radical das reformas da Revolução Bolivariana (Ellner, 2014), a ideia do socialismo XXI juntava-se ao difuso modelo econômico e social defendido e criado por ele. Não é difícil ouvir pelas ruas e pelas comunas o discurso de que a Revolução Bolivariana está criando seu próprio socialismo. De certa forma, o socialismo chavista que reúne o que Chávez chamava de “as forças mais autênticas do cristianismo”, articuladas com algo do marxismo e do pensamento bolivariano (Maringoni, 2009) constituiu-se no modelo econômico e social que deveria ser implementado pela Revolução.

É neste sentido que o aspecto caudilhesco de Chávez, ou seja, o indivíduo que surge como condutor de uma massa popular politicamente desordenada e a conduz com sua personalidade que impõe respeito e ao mesmo tempo um carisma sem igual, tornou-se um ponto negativo para a continuidade do processo revolucionário na Venezuela. Grande parte da tática e da estratégia da Revolução Bolivariana era definida pelo pensamento estratégico de Chávez, que conclamava os chavistas para as novas e sucessivas batalhas a serem enfrentadas.

Com sua morte, o chavismo se viu imerso em uma orfandade tal qual ocorreu com os *llaneros* que seguiam a Boves e os camponeses que seguiam a Zamora, guardadas as proporções históricas de cada período. É perceptível que o entrelaçamento feito por Chávez entre o PSUV, os movimentos sociais, as Centrais Sindicais chavistas, os partidos do Polo Patriótico e o governo tornou-se um dos principais problemas para a continuidade da Revolução. A herança caudilhesca continua, de tal maneira que as bases de organização popular chavistas não conseguem impor as mudanças que entendem ser necessárias para o aprofundamento da Revolução.

A atitude do PSUV nas eleições de 6 de dezembro de 2015 para a Assembleia, vencidas pela oposição, representam um emblemático problema nessa relação entre o governo e seus agentes diretos, nesse caso do PSUV, e as bases populares organizadas nas comunas, sindicatos e movimentos sociais. A cúpula do partido não respeitou as eleições primárias realizadas no primeiro semestre daquele ano e alterou os nomes dos candidatos que concorreram nas eleições por seus respectivos circuitos. As organizações chavistas de base, embora, em sua maioria, tenham contrariado a decisão e inclusive deixado de votar nos candidatos impostos pelo Partido, não têm força para mudar tal situação. Isto indica que as decisões sobre os rumos da Revolução Bolivariana serão tomadas no interior de uma cúpula chavista, desprendida de sua base popular. Do ponto de vista dessas bases políticas organizadas, assim como não se organizavam para delimitar os rumos do processo, encontram-se à mercê daquilo que o governo, os militares chavistas e o PSUV determinam como agenda política para a Revolução.

### **Considerações finais**

A existência dos caudilhos na vida política republicana da Venezuela constitui-se mais em regra do que exceção, o que torna essa especificidade mais comum nesse país do que em outros da América Latina. Atrelado a isso, há outra característica peculiar que torna o país de Bolívar diferente em relação aos demais da sua região. Nenhuma outra nação da América espanhola teve seus elementos humanos e físicos tão devastados por guerras civis ao longo do século XIX como a Venezuela. As constantes insurreições populares e o conflito entre grupos de latifundiários que disputavam o poder políticos de suas regiões contribuíram para que a figura do caudilho fosse tão presente em sua história.

No final do século XX, o país passou por outro grave problema econômico e político, cujos desdobramentos significaram a morte de milhares de pessoas, em sua maioria, moradoras das periferias dos centros urbanos. Surgia a situação favorável para que esse aspecto comum na história venezuelana viesse à tona novamente. E, de fato, Hugo Chávez Frías surgiu como uma espécie de caudilho para conduzir as camadas médias e populares descontentes com as medidas neoliberais do presidente Carlos Andrés Pérez.

Considerar Chávez como um caudilho não desmerece todos os feitos positivos da Revolução Bolivariana, mas coloca um questionamento sobre a continuidade do processo e das características que poderá assumir. É possível afirmar que durante o governo Chávez a base chavista foi, em grande medida, conduzida por ele, que também conduzia estrategicamente a Revolução. Não eram as bases organizadas que conduziam o processo, mas iam a reboque dos projetos de um grande estrategista.

Por isso, o futuro da Revolução Bolivariana se encontra não no governo de Nicolás Maduro ou na cúpula que o circunda na administração do Estado e/ou do PSUV. A Revolução Bolivariana terá futuro se as bases chavistas organizadas em sindicatos, movimentos sociais e nas comunas tiverem a capacidade de se auto-organizar e inverterem a relação que hoje estabelecem com o governo. Essas bases ainda continuam sendo guiadas pelo que restou do caudilhismo chavista. Somente uma reviravolta nessa relação, fazendo com que a direção do processo revolucionário saia da esfera do governo e se desloque para as organizações de base fará com que ainda haja uma possibilidade de a Revolução Bolivariana seguir seu curso de transformações estruturais na Venezuela. Se isso não ocorrer, as forças moderadas do chavismo assumirão o controle de modo definitivo e regressarão a um modelo socialdemocrata, implodindo qualquer perspectiva de uma transição socialista na República Bolivariana da Venezuela.

## Bibliografia

- BRITO FIGUEROA, Federico (2002). *Historia econômica y social de Venezuela*. Tomo IV. Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- \_\_\_\_\_ (1976). *Tiempo de Ezequiel Zamora*. Caracas: Oficina Central de Información.
- CAMPOS FERREIRA, Carla Cecília (2006). *Ideologia bolivariana: as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência do povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal (1858-1859)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- COSTA TELES, Luciano Everton (2015). Caudilhismo e clientelismo na América Latina: uma discussão conceitual. *Faces de Clio*, vol. 1, n. 2, Jul/dez, pp. 100-114.
- ELLNER, Steve (2014). *El fenómeno Chávez sus Orígenes y su impacto hasta 2013*. Caracas: Centro Nacional de Historia.
- MANCILLA, Alfredo Serrano (2015). *El pensamiento económico de Hugo Chávez*. Caracas: Vadell Hermanos Editores.
- MARINGONI, Gilberto (2009). *A revolução venezuelana*. São Paulo: Editora Unesp.
- USLAR PIETRI, Juan (2010). *Historia de la rebelión de 1814*. Caracas: Monte Ávila.
- VALLENILLA LANZ, Laureano (2000). *Cesarismo democrático*. Caracas: Eduvem.